



Página Cultural

Publicações • Temas • Ilustrações • Textos

Ano IX - Número 97 • Periodicidade: Última 4.ª feira do mês
Coordenação de: Álvaro Arranja, António Chitas e Daniel Pires

EDITORIAL

Neste número, a página do CEB evoca o músico setubalense Gomes Cardim, que viveu entre Portugal e o Brasil, num artigo de Carlos Mouro, investigador de temas setubalenses.

Damos ainda merecido relevo, à exposição sobre “António Gedeão - o professor e o poeta”, organizada pelo Centro de Estudos Bocageanos e pelo Museu Escolar, patente na Biblioteca Municipal de Setúbal. Registamos ainda as actividades do dia da sua inauguração, com fotos de Maria Cília Costa e Fernando Marcos.

ANIVERSÁRIO DA ESCOLA SECUNDÁRIA D. MANUEL MARTINS

O Centro de Estudos Bocageanos felicita vivamente a Escola Secundária Dom Manuel Martins, que comemora o seu vigésimo-quinto aniversário. Com esta prestigiosa instituição o Centro partilhou vários projectos: exposições, palestras e conferências sobre vultos da cultura portuguesa - entre outros, José Afonso, António Gedeão, Hans Christian Andersen e Bocage.

Associamo-nos, deste modo, às comemorações, das quais faz parte um jantar-convívio, que se realiza no próximo dia 13, pelas 21 horas, na Quinta dos Moinhos de S. Filipe. A direcção da escola abriu esta iniciativa a todos os antigos alunos, funcionários e professores.

Esperamos que esta profícua colaboração entre as duas instituições continue no futuro.

GOMES CARDIM - UM MÚSICO SETUBALENSE ENTRE PORTUGAL E O BRASIL



Nos inícios do presente mês esteve em Setúbal uma delegação do Estado brasileiro de Santa Catarina, dando corpo a uma actividade cultural de intercâmbio de que a imprensa local se fez eco. Entendemos como importantes todas as iniciativas que aproximem os dois povos irmãos ou que sirvam para estreitar os laços já desenhados entre as duas comunidades que partilham séculos de história comum e que enriquecem, com os particularismos das duas falas e com as especificidades das respectivas literaturas, o património comum da Língua Portuguesa. As breves linhas que a propósito dessa visita pudemos ler nos periódicos firmaram a convicção que temos de que para um mais inteiro conhecimento das duas comunidades, a brasileira e a setubalen-

se, seria importante que se investigassem, aquém e além Atlântico, todos os elementos que as unem.

No passado dia 30 de Abril cumpriram-se 90 anos sobre o falecimento, na brasileira cidade de S. Paulo, do cantor lírico, compositor, maestro... enfim, do talentoso músico setubalense, aplaudidíssimo no seu tempo, João Pedro Gomes Cardim. A efeméride passou sem a mais ligeira lembrança por parte dos seus conterrâneos como, aliás, vem sendo triste prática. As duas circunstâncias motivaram-nos a alinhar os brevíssimos apontamentos que se seguem. Que sejam estas linhas a celebração modesta da memória desse músico, por ocasião dos 90 anos transcorridos sobre o seu passamento.

Gomes Cardim nascera em Setúbal, na freguesia de São Sebastião, a 11 de Setembro de 1832, filho de António Pedro Cardim, piloto da barra, e de Maria da Esperança Oliveira. Ainda menino revelou, para assombro de todos, invulgares dotes vocais e especial apetência para a Música. Alimentou e robusteceu essa natural capacidade, na terra natal, pela mão de João de Deus Costa Soares. Mais tarde aperfeiçoaria os conhecimentos adquiridos, já em Lisboa, sob a orientação dos estimados, hábeis e populares compositores Francisco António Norberto dos Santos Pinto (1815-1860) e Joaquim Casimiro Júnior (1808-1862). Por imposição familiar, ou por vontade própria aceite pelos progenitores, Cardim iniciou os estudos que lhe permitiriam seguir a car-

reira eclesiástica. Matriculou-se no Liceu Nacional de Lisboa; concluiu o primeiro ano de Teologia Moral e História Sagrada, em S. Vicente de Fora; deu entrada no Seminário de Santarém onde, em contrapartida e a par com o estudo, ensinou a Arte dos sons aos discípulos. Da luta (se luta houve) entre a vocação musical e a eclesiástica, saiu vencedora a primeira. Ainda assim, uma vez tornado à terra natal, Gomes Cardim encontrou tempo para ser um dos animadores do efémero periódico humorístico *O Disparate*, o terceiro jornal setubalense, publicado entre 7 de Agosto e 23 de Outubro de 1856. Um ano depois Gomes Cardim encontra-se no Brasil. Estreou-se no Rio Grande do Sul, num concerto promovido pela Sociedade de Beneficência a 6 de Outubro de 1857. Não mais deixaria de actuar em diversas localidades daquele Império, dirigindo orquestras, cantando, apresentando originais de sua autoria. Entre 1865 e 1870, uma guerra opôs o Brasil ao Paraguai tendo Cardim, a propósito de um episódio dessa contenda, escrito a mais festejada das suas obras: *Os bravos de Paisandu*. Em Setembro de 1867 o já muito aplaudido compositor estava de volta a Setúbal, sendo recebido em apoteose. Logo passou a Lisboa onde, com assinalável êxito, começou a produzir música cénica e a dirigir orquestras, nos principais teatros. Trabalhou, depois, com igual êxito, no português Teatro Baquet. Em 1894, porém, o irrequieto músico tornou ao Brasil para não mais regressar,

para não mais voltar a estender os olhos sobre as águas mansas do pátrio Sado. Morreu em S. Paulo, no Brasil, a 30 de Abril de 1918, deixando ilustre descendência.

De que forma é hoje recordado Gomes Cardim na cidade que o viu nascer? Quantos, de entre os conterrâneos, conhecerão a obra musical deste setubalense de oitocentos e da primeira década da centúria seguinte? Quantos verão nele um dos símbolos da identidade local? - Poucos, certamente.

Há em Setúbal uma artéria urbana denominada Gomes Cardim, a ligar as ruas Prof. Augusto Gomes e General Gomes Freire, na freguesia de S. Sebastião, sem que na placa toponímica se esclareça sobre quem foi a figura ali homenageada. Há que contar, também, com o facto de aquele compositor figurar no celebrado *Triptico dos Setubalenses Ilustres*, grande obra pictórica executada por Luciano dos Santos (1911-2006), por encomenda da Câmara Municipal de Setúbal.

A homenagem toponímica passa despercebida, sufocada no bulício do quotidiano; o tríptico - notável trabalho realizado por um setubalense, por iniciativa setubalense e para celebrar a memória de alguns dos mais ilustres setubalenses - o tríptico, dizíamos, continua desconhecido, infelizmente, da maioria dos sadinos.

Por tanto importa trazer à lembrança este homem, que os caminhos do destino quiseram nascesse em Setúbal e viesse a morrer em terras distantes,

do outro lado do oceano. Lembrá-lo é, também, evocar o seu exemplo de competência no mister que abraçou e a constante insatisfação, que sempre demonstrou, na busca da perfeição artística. Gomes Cardim merece, ao lado de outros patrícios, o mais franco elogio e a mais desassomburada recordação porque é também em torno da comemoração destes exemplos - conhecendo-os, estudando-os, divulgando-os - em torno do conhecimento do tempo em que viveram e que fez da nossa época aquilo que ela é, que a comunidade terá de encontrar os fundamentos da identidade, face aos desafios da globalização e da multiculturalidade. Aproveitemos estes momentos comemorativos para melhor conhecermos as nossas raízes, o nosso passado. Que eles sejam o pretexto, o mote, para as urgentes reflexões que a construção do futuro nos exige. O que fazemos do passado comum, a construção da memória colectiva, não é mais do que essa constante busca de uma síntese que antevejam no horizonte, síntese que teima em afastar-se de nós e que perseguimos refazendo-a constantemente. Aproveitemos, pois, os ensejos que nos oferecem as ocasiões celebrativas de alguns dos nossos mais ilustres predecessores, das datas que queremos maiores da História comum e que marcam o calendário, com pausas reflexivas que mais não são do que ocasiões especiais para a celebração da comunidade que integramos.

Carlos Mouro

ANTÓNIO GEDEÃO - “ELES NÃO SABEM QUE O SONHO...”

Organizada pelo Centro de Estudos Bocageanos e pelo Museu Escolar, está patente na Biblioteca Municipal de Setúbal, a exposição “António Gedeão - o professor, o poeta”. Esta exposição foi inaugurada no passado dia 17 de Maio, com uma sessão na qual o filho do poeta, Frederico Carvalho fez uma conferência sobre seu pai, Ana Paula Rosa leu e Manuel Freire cantou poemas de António Gedeão, com destaque para a “Pedra Filosofal”.

Filho de um funcionário dos correios e telégrafos e de uma dona de casa, Rómulo Vasco da Gama de Carvalho nasceu a 24 de Novembro de 1906 na lisboeta freguesia da Sé. A sua mãe, apesar de contar somente com a instrução primária, tinha como grande paixão a literatura, sentimento que transmitiu ao filho Rómulo, assim baptizado em honra do protagonista de um drama lido num folhetim de jornal. Responsável por uma certa atmosfera literária que se vivia em sua casa, é ela que, através dos livros comprados em fascículos, vendidos semanalmente pelas casas, ou, mais tarde, requisitados nas livrarias Portuguesa ou Moraes, inicia o filho na arte das palavras. Desta forma Rómulo toma contacto com os mestres - Camões, Eça, Camilo e Cesário Verde, o preferido - e conhece *As Mil e Uma Noites*, obra que viria a considerar uma das suas bíblias.

Criança precoce, aos 5 anos escreve os primeiros poemas e aos 10 decide completar “Os Lusíadas” de Camões. No entanto, a par desta inclinação flagrante para as letras, quando, ao entrar para o liceu Gil Vicente, toma pela primeira vez contacto com as ciências, desperta nele um novo interesse, que se vai intensificando com o passar dos anos e se torna predominante no seu último ano de liceu. Este factor será decisivo para a escolha do caminho a tomar no ano seguinte, aquando da entrada na Universidade, pois, embora a literatura o tenha acompanhado durante toda a sua vida, não se mostrava a melhor escolha para quem, além de procurar estabilidade, era extremamente pragmático e se sentia atraído pelas ciências justamente pelo seu lado experimental. Desta forma, a escolha da área das ciências, apesar de não ter sido fácil, dá-se.

E assim, enquanto Rómulo de Carvalho estuda Ciências Físico-Químicas na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, as palavras ficam guardadas para quando, mais tarde, surgir alguém que dará pelo nome de António Gedeão. Em 1932, um ano depois de se ter licenciado, forma-se em ciências pedagógicas na Faculdade de Letras da cidade invicta, prenunciando assim qual será a sua actividade principal daí para a frente e durante 40 anos - professor e pedagogo. Começando por estagiar no

liceu Pedro Nunes e ensinar durante 14 anos no liceu Camões, Rómulo de Carvalho é, depois, convidado a ir leccionar para o liceu D. João III, em Coimbra, permanecendo aí até, passados oito anos, regressar a Lisboa, convidado para professor metodólogo do grupo de Físico-Químicas do liceu Pedro Nunes.

Apesar da intensa actividade científica, Rómulo de Carvalho não esquece a arte das palavras e continua, sempre, a escrever poesia. Porém, não a considerando de qualidade e pensando

que nunca será útil a ninguém, nunca tenta publicá-la, preferindo destruí-la. Só em 1956, após ter participado num concurso de poesia de que tomou conhecimento no jornal, publica, aos 50 anos, o primeiro livro de poemas *Movimento Perpétuo*. No entanto, o livro surge como tendo sido escrito por outro, António Gedeão, e o professor de física e química, Rómulo de Carvalho, permanece no anonimato a que se votou.

A poesia de Gedeão é, realmente, comunicativa e marca toda uma gera-

ção que, reprimida por um regime ditatorial e atormentada por uma guerra, cujo fim não se adivinhava, se sentia profundamente tocada pelos valores expressos pelo poeta e assim se atrevia a acreditar que, através do sonho, era possível encontrar o caminho para a liberdade. É deste modo que “Pedra Filosofal”, musicada por Manuel Freire, se torna num hino à liberdade e ao sonho. E, mais tarde, em 1972, José Nisa compõe doze músicas com base em poemas de Gedeão e produz o álbum “Fala do Homem Nascido”.

O professor Rómulo de Carvalho, entretanto, após 40 anos de ensino, em 1974, decide reformar-se. Incapaz de ficar parado, nos anos seguintes dedica-se por inteiro à investigação publicando numerosos livros, tanto de divulgação científica, como de história da ciência. Quando completa 90 anos de idade, a sua vida é alvo de uma homenagem a nível nacional. O professor, investigador, pedagogo e historiador da ciência, bem como o poeta, é reconhecido publicamente por personalidades da política, da ciência, das letras e da música. Infelizmente, a 19 de Fevereiro de 1997 a morte leva-nos Rómulo de Carvalho. Gedeão, esse já tinha morrido alguns anos antes, aquando da publicação de *Poemas Póstumos e Novos Poemas Póstumos*.



Inauguração da exposição sobre António Gedeão